

O poeta solitário: a redescoberta da escrita e liberdade

Idio Fridolino Altmann *

Doutorando em educação (Bolsista CAPES/PROSUP), Mestre em Educação pela Universidade La Salle. Especialista em Gerenciamento de Projetos. Tecnólogo em Processos Gerenciais. Integrante do grupo de pesquisa Gestão Educacional nos diferentes contextos da mesma Universidade.

 <http://orcid.org/0000-0002-5420-6894>

Recebido em 07 jul. 2023. **Aprovado** em: 17 ago. 2023.

Como citar este conto:

ALTMANN, Idio Fridolino. O poeta solitário: a redescoberta da escrita e liberdade. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 12, n. 2, p. 347-348, ago. 2023. Doi: 10.5281/zenodo.8302922

Vivendo afastado da sociedade, o poeta já idoso e solitário abre serenamente a porta do seu lócus de trabalho em sua casa, este que havia esquecido com o tempo. E movendo-se de forma sorrateira, apodera-se daquele ambiente sem que seja percebido, pois não quer que a sua presença seja notada externamente por aqueles que, por algum motivo, tentam observá-lo. Portanto, sem acender a luz, para que esta não invada a sua mente, desfruta-se da luz natural da lua cheia, que adentra pela pequena janela, que mesmo mantendo a sua cortina quase transparente fechada aos olhos de todos, permite apenas que ilumine aquela que é a sua velha companheira, a sua mesa de trabalho, com a sua madeira já desgastada por tudo o que já havia passado em sua história de vida.

Estando a minutos em seu lócus, o poeta, naquele momento liberto, mesmo com a sua visão embaçada pelos seus anos de luta, consegue avistar em sua mesa a folha de papel, já amarelada, pois havia sido abandonada pelo tempo, um tempo não contado em horas, dias, semanas e nem em meses, mas por anos. Desse modo, ela se mantinha adormecida até aquele momento, porque quando percebe o olhar do seu senhor, acorda e o convida a caminhar novamente sob os seus trilhos, que o trem de palavras que por muitos anos despertou uma realidade obscura da mente do poeta.

*

 idio.altmann0075@unilasalle.edu.br

Mas até aquele momento sua amada lhe esperava ansiosamente, esta que se mantinha escondida aos olhos do poeta, que a procura com muita ansiedade, pois está nela o que a sua mente transpunha em suas narrativas. E assim, depois de uma incessante busca, a encontra definhando ao chão ao lado de sua mesa, de onde ela havia desabado já algum tempo. Querendo dar uma nova chance de vida a ela, o poeta a segura em suas mãos já enrugadas e a prepara para receber um novo sangue, e de forma cirúrgica retorna a ver com a recém adquirida nova vida.

Segurando firme sua amada, o poeta a declina a quarenta e cinco graus, que metaforicamente representada nela está a caneta-tinteiro. Despertada, começa a deslizar sobre a folha de papel proporcionando a sua fala, aquela que a mente do poeta havia esquecido ao ser obrigado a ficar calado. Este que se mantinha restrito da sua liberdade de escrita, dos seus pensamentos da realidade da vida em sociedade ou até mesmo do que estava aprisionado na sua imaginação.

Neste momento de reencontro com a escrita, o poeta solitário rompe as amarras que o mantiveram calado por tanto tempo. Com a caneta-tinteiro em mãos e a folha de papel como seu portal de expressão, ele se lança novamente no universo das palavras, resgatando sua voz e libertando-se das restrições da sociedade. Através da poesia e da narrativa, o poeta dá vida às suas reflexões, memórias e imaginação, reafirmando sua essência como contador de histórias e guardião da emoção humana. Agora, em sua *solitude* criativa, ele mergulha nas profundezas da sua alma e desvela os segredos guardados, iluminando o mundo com a intensidade de suas palavras. Desse modo, a escrita se torna não apenas sua companheira fiel, mas também a ponte que conecta sua essência ao universo, permitindo que suas verdades e anseios ecoem além das paredes do seu locus de trabalho.

Por fim, o poeta solitário, agora renascido em palavras, trilha o caminho da liberdade e da redenção, tocando os corações daqueles que se aventuram em suas letras.